

RESENHA

Para entender a dialética

VIANA, Nildo. *A dialética revolucionária*. Goiânia: Edições Redelp, 2024.

Lucas Maia*

Veio a público, nos últimos meses de 2024, o livro *A Dialética Revolucionária*, de Nildo Viana: uma obra simultaneamente ampla e profunda. Não é, portanto, um mero manual ou introdução à dialética, pois, geralmente, textos desta natureza, apesar de serem amplos, pecam, em profundidade, sendo pouco inovadores. Havendo, claro, boas exceções. Também não é uma espécie de obra especializada, hermética, que somente iniciados conseguem compreender. O livro de Nildo Viana não se enquadra em nenhum destes dois casos.

Do ponto de vista de possíveis leitores, diria que pelo menos quatro possibilidades se alinham. Um primeiro tipo de leitor da obra pode ser alguém que não tem nenhum ou pouco domínio do marxismo autêntico. Este, certamente, encontrará certa dificuldade, sobretudo em alguns capítulos, tal como os dedicados à teoria das categorias e às categorias da dialética. Dois capítulos mais exigentes. Um outro tipo de leitor, seria aquele habituado com a concepção dialética, tal como vinda do pseudomarxismo. Desde as deformações iniciais de Engels, passando pela social-democracia, pelo bolchevismo e todo o “marxismo” acadêmico que se inspira grandemente nestas correntes. A este leitor e, obviamente também ao primeiro, é recomendada a leitura do primeiro capítulo, no qual uma breve história da dialética é apresentada e as deformações citadas antes são devidamente criticadas. Este leitor, para realmente assimilar esta contribuição de Viana, terá que realizar uma autocrítica a fim de compreender devidamente a obra. Um outro tipo de leitor que, imagino, possa acessar esta obra encontrará menos dificuldades. Trata-se daqueles são habituados com o léxico e teorias típicas do marxismo autêntico, mas não são conhecedores das demais produções de Nildo

* Professor do Instituto Federal de Goiás - IFG. Doutor em Geografia, pós-doutor em Sociologia e tem formação em Psicanálise. Autor dos livros *Comunismo de Conselhos e Autogestão Social* (Rizoma Editorial, 2018); *As Classes Sociais em O Capital* (Edições Redelp, 2020); *Nem Partidos nem Sindicatos: a Reemergência das Lutas Autônomas no Brasil* (Edições Redelp, 2016) entre outros. E-mail: maiaslucas@gmail.com

Viana. Encontrará menos dificuldades exatamente porque reconhecerá a dialética tal como desenvolvida desde Marx a cada página. Por último, o leitor que encontrará menos dificuldades na leitura da obra, imagino, é aquele habituado ao marxismo autêntico, bem como seja já um conhecedor do conjunto da obra de Nildo Viana, pois as referências a outros trabalhos seus são constantes ao longo de sua exposição. O não conhecimento destes outros livros pode trazer alguma dificuldade de compreensão, mas que não inviabiliza o entendimento das teses ali desenvolvidas.

Contudo, *A Dialética Revolucionária* é acessível a todo leitor curioso e consciente em compreender o método revolucionário inaugurado por Marx. Este, como é sabido, ainda quando redigia os inúmeros manuscritos de *O Capital*, manifestou em algumas oportunidades a intenção de escrever uma obra sobre dialética. Tal projeto nunca foi efetivado e o que ficou são alguns textos esparsos e meramente indicativos: algumas cartas, *Prefácios* de *O Capital*, o manuscrito publicado postumamente intitulado *O Método da Economia Política* etc. São texto essenciais, mas todos muito breves. Poucos autores ampliaram a senda aberta por Marx, sendo que a maioria se restringiu a reproduzir seus escritos, geralmente deformando suas teses.

Poucos deram alguma contribuição, mas geralmente em questões específicas e não, portanto, abordando a dialética em sua totalidade. Eis a grande justificativa para a leitura do texto de Nildo Viana, pois: a) não gera deformações em relação a Marx; b) critica as concepções problemáticas (social-democrata, bolchevista, academicista etc.); c) recupera os poucos nomes que deram continuidade ao trabalho inicial de Marx (o jovem Lukács, Karl Korsch etc.); d) sistematiza num todo estruturado a totalidade da dialética: sua formação, desenvolvimento, conceitos, categorias, processo analítico, antagonismo com a episteme burguesa e suas inúmeras ideologias, bem como o caráter revolucionário que a dialética necessariamente expressa; e) e, por tudo isto, Viana inova em vários aspectos, indo além do que Marx e seus poucos continuadores legaram. Por isto, é obra indispensável e de leitura obrigatória a todo interessado na verdade, ou seja, na consciência correta da realidade, para utilizar expressão que Marx empregou em várias oportunidades, e na luta revolucionária, questão que a dialética necessariamente inspira.

A extensão da obra pode intimidar alguns leitores, mas isto foi inevitável, devido sua abrangência. *A Dialética Revolucionária* engloba em seu escopo a pré-história (nominal e referencial) da dialética, passando pela sistematização de Marx, o que culmina no processo de conceituação e definição da dialética. Após o trabalho de Marx, houve, como já indicamos,

todo um conjunto de deformações, que se inicia com Engels, mas vai muito além e se estende para importantes correntes políticas e intelectuais desde fim do século 19 até os dias atuais (Lenin, Kautsky, Mao, Althusser etc.). Como se vê, neste aspecto, o conjunto de questões abordadas é enorme e Viana consegue sistematizar isto em poucas páginas, sem caricaturar nenhuma discussão. Como disse, trata-se de obra ampla e profunda.

Aborda, em seguida, a “teoria da consciência”. As discussões presentes aqui, bem como da parte anteriormente comentada, estão já bem desenvolvidas em outras obras suas, e aparecem com maior ou menor vigor em outros pensadores vinculados ao marxismo autêntico. De qualquer forma, o enfoque dado na discussão sobre a consciência a partir da necessidade de entendimento da dialética é uma maneira de abordar a questão que é inovadora. A partir daí, sua discussão sobre o que é a consciência, sobre as possibilidades da consciência em conhecer a realidade, bem como seus limites são importantes observações que despertarão interesse no leitor ávido em entender a realidade. Isto desemboca na crítica das ideologias, entendidas como “sistema de pensamento ilusório”, e defesa da inteligibilidade da realidade e possibilidade da teoria como forma de consciência correta da realidade. O caráter revolucionário da dialética é aqui ressaltado, pois esta está inteiramente vinculada à perspectiva do proletariado, sendo a base (o campo axiomático) necessária para o desenvolvimento de teorias explicativas sobre os inúmeros fenômenos constituintes do real. Ou seja, a verdade não só é possível, como é necessária, pois a teoria é parte da luta revolucionária do proletariado rumo à sua emancipação, ou seja, à libertação humana. A dialética revolucionária, portanto, não é um método de pesquisa neutro, frio, isento de valores e interesses. É, antes de mais nada, uma arma de luta e é parte da luta do proletariado.

Uma teoria da consciência obrigatoriamente demanda uma “teoria da realidade”. E aqui Viana novamente retoma a tese de que a realidade não só é inteligível, opondo-se frontalmente a concepções que advogam o contrário, mas demonstra como o marxismo, o materialismo histórico e o método dialético, são a teoria e o método adequados para tal. Retoma, neste particular, a definição de Karl Korsch, para quem o “marxismo é expressão teórica do proletariado revolucionário”. Após demonstrar como a realidade é complexa, bem como infinita, apresenta a dialética como um método complexo e aberto, avesso, portanto, ao “modelo”, ao “sistema”. A realidade em sua infinitude e complexidade demanda também um método flexível, amplo, que seja capaz de apreendê-la e seja aberto às mudanças de que a própria realidade é constituída.

Após discutir a história, formação e desenvolvimento da dialética, apresentar uma teoria da consciência (sendo que a dialética é sua forma mais desenvolvida) e uma teoria da realidade, sendo a dialética o método capaz de elaborar teorias adequadas sobre ela, entra, em meu entendimento, no ponto alto da obra: a “teoria das categorias”. Nos capítulos anteriores, ao lado do processo de reapresentações de teses que já desenvolveu em outras obras, algumas inovações são aqui e ali realizadas. Contudo, neste capítulo, aparecem desdobramentos mais que relevantes. Inicialmente, discute as concepções de categoria presentes nos filósofos (Aristóteles, Kant, Hegel), alguns cientistas (Durkheim, por exemplo), sendo todos devidamente assimilados e criticados. Neste processo, apresenta a concepção marxista de categoria, que é distinguida da concepção marxista de conceito. Conceito e categoria são termos empregados por Marx como sinônimos, Viana, apreendendo as diferentes formas e contextos em que Marx emprega os termos, apresenta a tese de que os conceitos são expressão da realidade e as categorias são recursos heurísticos, não tendo referente na realidade, sendo, portanto, autorreferentes.

Mas uma discussão interessante é realizada ao distinguir categorias elementares, categorias simples, categorias complexas e categorias desenvolvidas (ou simplesmente, categorias dialéticas). Tal discussão é feita, contudo, demonstrando como isto se deu no próprio desenvolvimento histórico da humanidade. As categorias elementares e simples são uma necessidade do pensamento humano, existindo, portanto, desde que a espécie humana se constituiu enquanto tal. O desenvolvimento da sociedade humana, constituindo formas de pensamento complexo, noosférico, para utilizar expressão do autor, tal como a filosofia antiga, possibilitaram o desenvolvimento da razão, que é uma forma de pensamento que já, por exemplo, reflete sobre si mesmo. O pensamento sempre existiu desde que o ser humano se constituiu, mas a razão é produto de um certo momento da história quando o pensamento ele próprio se desenvolve, se complexifica, pensa sobre si mesmo etc. As categorias complexas são produtos deste momento. Viana discute, neste aspecto, as contribuições de Aristóteles, Kant e Hegel como principais autores que pensaram e discutiram as categorias. Comenta vários outros, mas são estes os fundamentais para se pensar as categorias como um todo inter-relacionado que permite estudar a realidade a partir delas. O passo decisivo e a ruptura fundamental se dá com a obra de Marx que, assimilando criticamente a dialética hegeliana, elabora as bases da dialética revolucionária. Como já dissemos, o trabalho no qual Marx realizaria a síntese mais completa sobre isto não foi escrito e Marx deixou somente alguns

textos breves, bem como a aplicação da dialética que fez em suas obras, sobretudo em *O Capital*. É a partir daí que Viana vai sistematizar numa síntese, novamente, ampla e profunda, os fundamentos da dialética revolucionária.

Outro ponto notável da obra é o capítulo destinado a discutir exclusivamente as categorias da dialética. Assimilando Aristóteles, Kant, Hegel e, fundamentalmente, Marx, Viana desenvolve o conceito de “complexo categorial”. O complexo categorial é o conjunto de categorias que compõem o método dialético. Estas só podem ser trabalhadas adequadamente se forem entendidas como sendo um todo de partes inter-relacionadas. Não se pode, pois, trabalhar, por exemplo, totalidade separada da particularidade, a parte do todo, a essência da existência etc. As categorias formam um complexo, termo que ele prefere a “sistema”, pois este último é inextrincavelmente ligado a ideologias, tais como “teoria dos sistemas”, “estruturalismo” etc. Este complexo categorial, que constitui a parte fundamental do método dialético, pode ser melhor entendido a partir das seguintes distinções feitas por Viana: a) metacategorias (espaço, tempo, movimento, ser, relação, totalidade, historicidade, essência, existência, concreto, abstrato); b) além das metacategorias, é possível identificar os grupos categoriais, que Viana divide em categorias qualitativas, categorias quantitativas e categorias relativas. Por questão de espaço, não desenvolveremos estas distinções aqui, mas convém ressaltar que a compreensão derivada deste trabalho feito pelo autor, permite ao leitor uma apreensão ao mesmo tempo totalizante e particular, para empregar aqui estas categorias. Pois torna-se perceptível o conceito de cada categoria, bem como as formas e processos que as inter-relacionam, formando o complexo categorial. Tais categorias, como recursos heurísticos, fornecem ao pesquisador, ao militante interessado em compreender a realidade, importantes instrumentos intelectuais que lhe permitem produzir uma consciência correta da realidade.

Encerra sua exposição com um capítulo fascinante sobre as regras do método dialético. Muito do que é apresentado aqui já foi devidamente discutido em capítulos anteriores, mas acrescenta-se que, neste momento, o autor está mais preocupado com os processos, os procedimentos, o modo de realização de pesquisa de caráter dialético. E aqui ganham relevo as categorias de concreto e abstrato e as derivações: abstração e concreção. A discussão sobre o ponto de partida da pesquisa (o concreto-aparente), o ponto de chegada (o concreto-determinado), novamente a discussão sobre conceito e categoria, mas agora dando ênfase ao processo de conceituação e a importância deste na pesquisa dialética etc.

Trata-se, portanto, de obra fundamental e, com certeza, um clássico do marxismo que acaba de ser lançado. A todo pesquisador, militante revolucionário, é obra indispensável. A epígrafe das considerações finais é, no mínimo, provocadora: “dei-lhes o fogo”, expressão de Prometeu, o herói de Ésquilo. Aquele que roubou o fogo dos deuses e deu aos humanos. A dialética é exatamente isto. A flama na mão, cabeça e coração do proletariado que lhe permite uma correta compreensão da realidade, pois, como diz uma máxima comum em alguns setores anticapitalistas contemporâneos: “luta melhor, quem sabe mais e melhor”.

Texto aprovado para publicação em 08 de maio de 2026.